

P E R C E P Ç Õ E S

ANTENOR ANTÔNIO

P E R C E P Ç Õ E S

1ª EDIÇÃO

SÃO CARLOS

EDITORA DE CASTRO

2016

Copyright © 2016 by Antenor Antônio Gonçalves Filho

Editora De Castro:

editoradecastro.com.br
decastro@editoradecastro.com.br
16 2106-9415

Capa, projeto gráfico, diagramação:

Carlos Henrique C. Gonçalves - chcg@uol.com.br

Fotografia e ilustração:

Antenor A. Gonçalves Filho



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gonçalves Filho, Antenor Antônio
Percepções / Antenor Antônio. -- 1. ed. --
São Carlos, SP : Editora De Castro, 2016.

ISBN 978-85-92788-00-1

1. Poesia brasileira I. Título.

16-05134

CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

Todos os direitos reservados – É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Para contatos com o autor: a.agfilho@hotmail.com

SUMÁRIO

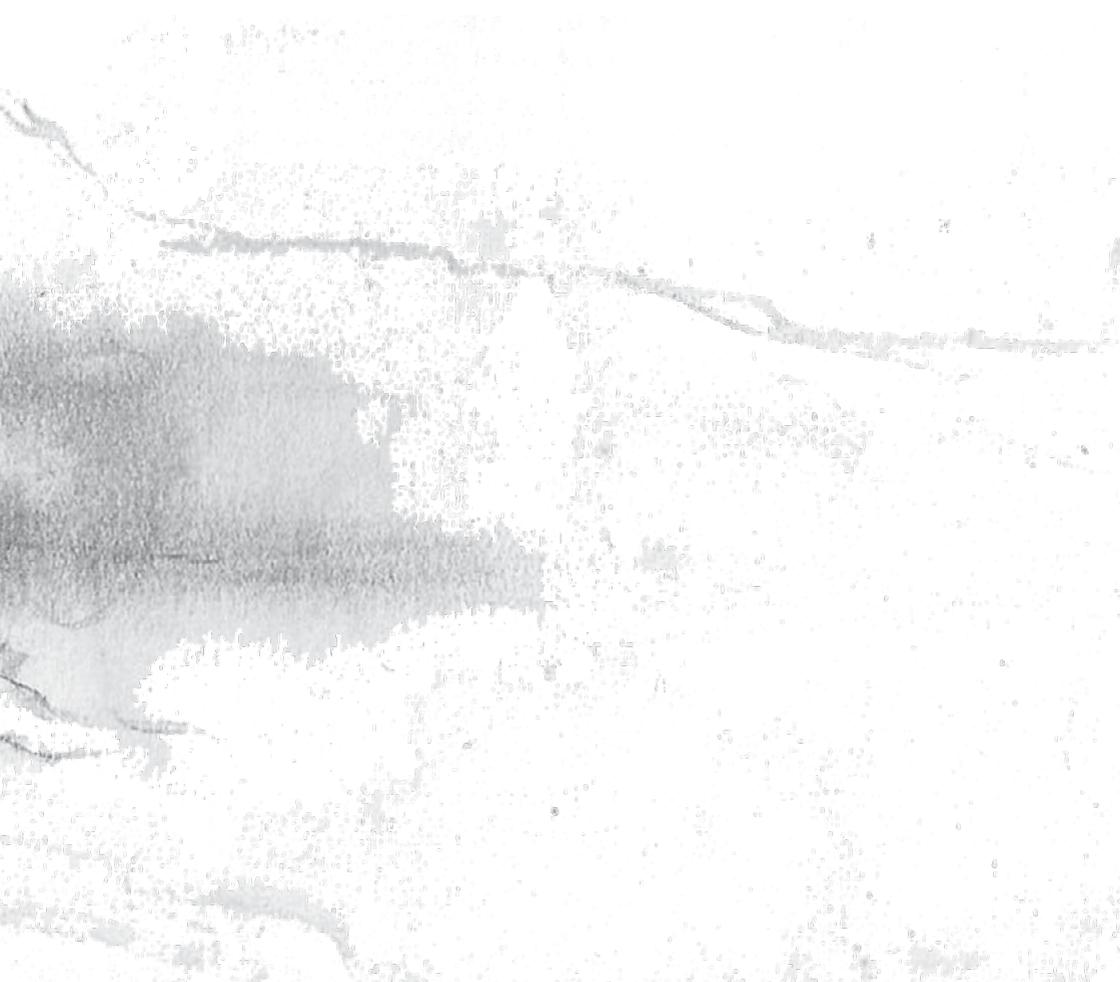
8	DO AMANHECER
28	Aristotélicas
40	DO ENTARDECER
80	DO ANOITECER
92	Filosofemas
148	REMATE DOS MALES
177	Instantes
182	Hai Cai à Moda da Casa
188	Ode ao Vento



D O



A M A N H E C E R



Um rio flui no silêncio
Ele não tem começo nem fim
O rio circula nas montanhas vales florestas
nuvens nas ondas do mar
O rio não tem ser
Ele circula simples

Quando o homem aprisiona o rio
O rio reclama em silêncio
Porque não existe um tribunal de justiça para o rio
Mas falando de outro modo
Ele nem reclama
Reclama o canoeiro que tem começo, meio e fim
Um espaço de ser e não-ser
Chamas
Cinzas

E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Gênesis

– O Deus de que se fala tanto, ainda era criança e gostava de brincar com água. Temos agora o perigo de alguns deuses que gostam de brincar com fogo.

A chuva não estava na agenda do dia
Ela veio de surpresa
Pegou o homem do carrinho de pipoca desprevenido
Eu vi pela janela
Meu coração não teve compaixão do homem das pipocas
Eu gostaria de dar um piparote em meu coração sem compaixão
Consola-me saber que a chuva não estava

na agenda de meu coração
E que ele não tem carrinho de pipoca
Simples:
Não estava na agenda de meu coração a compaixão

Porque eis que eu trago um dilúvio de sobre a terra para desfazer toda carne em que há espírito de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra expirará.

Gênesis

– Ainda não havia a compaixão no coração dos deuses. Não se falava de amor e eles lançavam de seus olhos labaredas de ódio como artistas mal sucedidos em suas criações, sobretudo na criação do homem.

Um dia de chuva no domingo
O silêncio repousa sobre os muros no domingo
Um homem na janela apascenta a solidão
Desalento do domingo na leve brisa do vento
Um céu que virá azul quem sabe depois do domingo
Um domingo
Só um dia
Um domingo

Um só caminho resta ao discurso: que (o ser) é (fr. 8, 1-2). [...] O Destino condenou-o a ser todo inteiro: por isso são apenas nomes todas as coisas que os mortais assentaram crer como verdadeiras: o nascer e o morrer, o ser e o não-ser, o mudar de lugar e o mudar de cor brilhante (fr. 8, 37-41).

Parmênides [1]

A chuva de hoje deu uma varrida no céu
Meu olhar se abandona nos labirintos da memória
Longe imagino um nome escrito meu nome
Very far from
Meu nome meu nome
No longe se consome
A chuva também deu uma ducha na cidade
Tanta água assim fez o prazer das calçadas
Agora elas ficarão limpas de ser
Quando ainda ontem pisavam nelas
Sapatos manchados do escuro do tempo
Do pó que agora se fez outrora
Pra onde?

A minha mania de falar de água foi provocada por Tales, filósofo grego, que considerava a água o princípio de tudo. E há quem creia que os mais antigos (antiquíssimos) que teologizaram muito tempo antes da geração atual, pensaram da mesma forma a respeito da natureza, porque fizeram de Oceano e de Tétis os pais da geração.

Mondolfo [2]

O corpo
O corpo não é o espírito
É o próprio espírito
O espírito que apodrece
O que eu faço com o meu olhar que vê?
O que eu faço com o espaço do meu corpo que não vê?
O espaço é a extensão do corpo
Eu nunca dava atenção ao chinelo ao lado da cama
Ele é nítido preciso ali
O que eu faço com o infinito do meu grito?

Muitos dos primeiros filósofos gregos eram geômetras. O olhar deles se posicionava em direção ao infinito. Anaximandro, também de Mileto, (609/547 a.C.) disse que o princípio e elemento primordial dos seres é o Infinito; porque dele tudo vem e nele tudo se dissolve. Por ele também são gerados infinitos mundos e novamente separados por dissolução no princípio onde nascem. Depois dá a razão pela qual é ilimitado, e é que a geração produtora não deve faltar em nada.

Aécio [3]

– O que eu faço com o infinito do meu grito?

O rio...

Silencioso o rio desce

Curioso o rio

A vida de cada um também desce

E ninguém dá por conta

O rio é filósofo ele faz a gente pensar

Filósofo é aquele que não mostra o que é o mundo

É apenas aquele que faz a gente pensar

Por isso o rio também é filósofo

Ele faz a gente pensar

O rio leva o cisco e o canto da lavadeira

O rio leva... o rio é que nem a vida... somente leva

O grande rio é como a grande verdade... somente para contemplar...

Quando chegamos perto corremos o risco de nos afogar

O pequeno rio é como a pequena verdade de cada dia que bebemos e nem pensamos

O mundo fala através do rio sua linguagem mais profunda
Por isso o rio é apenas
Encantamento

Anaxímenes de Mileto, outro filósofo grego que disse também, como Anaximandro, que o princípio primordial subjacente é único e infinito, mas não afirmou como ele, indeterminado mas determinado, declarando que é o ar. (O Ar) diferencia-se, em virtude da rarefação e da condensação, em várias substâncias. E rarefazendo-se transforma-se em fogo, condensando-se torna-se vento, depois em nuvem, e ainda mais (condensado) em água, depois terra, e por último em pedra.

Mondolfo [2]

– Eu não vejo nenhuma insensatez entre as considerações de Anaxímenes e meu poema. Se ele, como filósofo, pôde afirmar que o ar vira pedra, por que não dizer que me apaixonei pela maçaneta da porta?

O vazio abriga vazios no espaço
E também no meu Eu que sou
E porque o vazio não é aqui e nem ali nem lá
plumas da imaginação se desfazem no ar

O negro pássaro azul no telhado
Meus olhos o procuram e deles uma flecha de nada
pousa em suas asas
O ser e o não ser eis
E lá vou Eu
Absurdo!

Ler Heráclito de Éfeso (504 a.C.), o filósofo das alternâncias, é como ler um amigo próximo. E ele diz: *Não é possível descer duas vezes no mesmo rio, nem duas vezes tocar uma substância mortal no mesmo estado; mas*

pelo ímpeto e a velocidade da mutação (se) dispersa e novamente se reúne, e vem e desaparece. E quem desce os mesmos rios, alcança-os novos e novas águas. Descemos e não descemos em um mesmo rio, nós mesmos somos e não somos.[...] Este mundo, que é o mesmo para todos, não criou nenhum dos deuses ou dos homens, mas sempre foi, e será fogo eternamente vivo, que se acende com medida e se apaga com medida. [...] O ser, sempre em luta e sempre em harmonia. Unindo-se o completo e o incompleto, o concorde e o discorde, o harmonioso e o dissonante; e de todos o uno e do uno todos. Tudo o que é contrário concilia-se e das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia e tudo é gerado por via de contraste. A harmonia oculta é melhor do que a aparente. Eles não compreendem como o que é diferente conspira consigo mesmo: harmonia por tensões opostas como do arco e da lira. O Deus é dia-noite. Inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome. É necessário saber que a guerra é comum, e a justiça contraste e que pela via do contraste as coisas nascem e chegam a faltar. A guerra é mãe e rainha de todas as coisas.

Mondolfo [2]

– Essas são as percepções do nascimento da filosofia. Indicamos Heráclito o pai da dialética, que fala da roda da história: a contradição. E Eu faço o repertório do vazio.

Onde posso achar um lugar
Se não sei onde ficar?
O que vale a rede
Onde tem casas sem parede?
Como encontrar uma praça onde nada passa?
A procura me deixa de que tamanho
Se tudo continua estranho?
E se faltarem o céu e o ar
Haverá um pássaro a voar?
Temos enfim um Destino?
Que mula-sem-cabeça roubou o sonho do menino?

Zenão propõe esta dificuldade metafísica: se o lugar é alguma coisa de real, onde estará? [...] pois se cada ente real está em um lugar, é claro que deverá haver um lugar do lugar, e assim sucessivamente até o infinito.

Aristóteles, in *Física*

– Proponho esse argumento: nós nunca estamos lá, e nunca saímos do aqui. Quando estamos lá, dizemos sempre: estamos aqui. Como teria dito um monge: o aqui é longe. E assim superamos a dificuldade de Zenão.

Meu retrato está guardado no baú das antiguidades
O baú não tem chaves
Alguém ausente e no presente
Ao examinar o baú livremente
Talvez pergunte
Quem foi esse ontem?
E eu sei
Absoluta certeza
Uma criança fará dele amanhã picadinhos de papel
Vai ter a glória de ser levado ao vento
Flutuando na leveza de pedra do esquecimento

*Recorro a Pitágoras de Samos (580-497 a. c.), que recusava ser chamado de sábio, preferia ser chamado de “amigo da sabedoria”, cujo termo até hoje se consagrou justamente a Pitágoras – filosofia, a eterna busca de um conceito próximo do que convençamos chamar de a verdade. Penso que a grandeza de Pitágoras foi conduzir suas reflexões feito um culto sagrado do saber, como numa atualização aproximada da psicanálise: uma catarse do saber, uma limpeza da alma para se chegar a um comportamento ético, desprovido de nossos interesses mesquinhos. Em *Vida de Pitágoras*, Diciarco, cit em Porfírio, que ele dizia aos seus discípulos, 1) a imortalidade da alma; 2) que ela transmigra de uma a outra espécie; 3) que dentro de certos*

períodos os acontecimentos de uma vez voltam ainda que nada mais existe de absolutamente novo; 4) que é necessário acreditar que todos os seres vivos sejam parentes entre si. Conta-se que um dia, achando-se em presença de um cão que estava sendo castigado, Pitágoras comoveu-se e proferiu estas palavras: Deixa de castigá-lo, porque é a alma de um homem amigo meu, que reconbeci ao ouvi-lo chorar.

Xenófanes (fr. 7)

– Podemos não levar a sério as crenças de Pitágoras, mas a pedra do esquecimento, como no poema acima, pode ser o esquecimento da pedra que não se destrói na alma dos homens, justamente por ser pedra.

Somos pássaros no chão
A morte a vida ama árvore cedro manhá pedra rua
canção negro infância presente fogo
Anaxágoras água Anaxímenes frio quente
nós Marx coração (Walt Witmann...“Minha
voz sai à caça do que meus olhos não
alcançam”) umbigo pássaro azul agasalho
sol terno ternura o doce de coco vitrine...

O peixe não sabe que é alimento dos homens
Os deuses mentem sob suas máscaras

Homero e Hesíodo atribuíram aos Deuses todas as cousas que são objeto de vergonha e de censura entre os homens. (fr. 11). Relataram eles sobre os Deuses, uma quantidade de ações contrárias às leis: furtos, adultérios e recíprocos enganos (fr. 12). Os mortais creem, porém, que os Deuses têm um nascimento, e roupas, vozes e corpo iguais aos seus (fr. 14). E os Etiópes dizem que tem os olhos azuis e os cabelos vermelhos (fr. 16). Mas se os bois, os cavalos e os leões tivessem mãos e com elas pudessem desenhar e realizar obras como os homens, os cavalos desenhariam figuras de deuses semelhantes aos cavalos, e os bois aos bois, e formariam os seus corpos à imitação do próprio (fr. 15).

– No tempo das percepções iniciais da filosofia, os críticos mordais de hoje diriam: “quanta extravagância teológica sobre deuses!”. Onde está a diferença entre os nossos santos modernos – o Cristo loiro, olhos azuis, a santa de olhar angelical, o manto alvíssimo, resultado de nossas fantasias que pouco tem a ver com a realidade tal. Os deuses mentem sob suas máscaras.

Abre-se a manhã
Poderia dizer-se descortina-se a manhã
Poderia também vá à merda a manhã
Porque a manhã será ontem
Manhã amanhã ontem

Descortina-se a manhã
Onde estão as cortinas da manhã?
Abre-se a manhã
Onde estão os abridores da manhã?

O destino nasceu depois de antes de ontem
Antes amanhã eu vou amanhã
Depois de amanhã ontem eu era só amanhã
Por isso ontem minha mãe chorava
E era em silêncio

Protágoras: o conhecimento é sensação. [...] Eu (Protágoras) digo que a verdade é tal como escrevi; que cada um de nós é medida do que é e do que não é; e que há um imensa diferença entre um e outro, que por isso, precisamente, é que são e parecem ser certas coisas para um, e para outro, outras. [...] Quanto aos deuses, não posso saber se existem nem qual possa ser sua forma; pois muitos são os impedimentos para sabê-lo, a obscuridade do problema e a brevidade da vida do homem.

Mondolfo [2]

Sören Kierkegaard propõe esse argumento sobre Deus:
Deus não é uma idéia que se prova, mas uma vida em função da qual se vive.

– Pergunto, como é essa vida em função da qual se vive?

Na minha cidade que eu saiba não tem Relógio de Sol
Em verdade eu nem sei se tenho cidade
Se eu tenho idade ou saudade
Se há sol no rio
Se existe rio
Se nele faz frio
Apenas eu
Esse vazio

Górgias de Leôncio, no seu livro Do não-ser ou melhor, Da natureza, estabelece três princípios, concatenados entre si: 1º que não existe nada, 2º que, ainda que exista (algo), é inacessível ao homem; 3º que, embora concebível, é inexplicável e inconcebível ao próximo.

Mondolfo [2]

– Górgias é refém de palavras. Estas não existem para explicar, mas para registrar. O registro tem uma silada oculta: apresentar-se como verdade que não admite contestação. A lógica de Górgias nos conduz a becos sem saída, mas é da lógica e não da vida. A função da lógica é apenas a de colocar algumas prateleiras na razão, cujos utensílios precisam ser permanentemente renovados.

A manhã dorme seu tédio nas ruas da cidade
O cavalo branco de meus sonhos bate patas na porta azul
Eu tenho que sair e descobrir a galope as raízes de um destino que sou
No meu sangue a escorrer a mil metros por tempo que não sei

Não sei mas sei
A mágoa não escorre água no rosto dos tristes
Imagens fugidias de quem se perdeu por esperar demais
E agora apascenta o olhar nas fronteiras assinaladas no retrato
Esquecido no fundo do baú abandonado no quarto antigo
Eis aí o homem em seu cavalo branco preso ao cabresto
As rédeas rotas do tempo quase a se partir
Um coração a alternar batida escrita em giz
No quarto escuro dos pecados não confessados
Dos sonhos rifados na feira das ilusões
Do elefantinho de barro que o tiozinho me deu
Em cacos no chão se partiu quando brincava
A vida brincava

Não é dado ao homem recolocar a vida como a um peão de xadrez. Há alguns que não vivem a vida presente, mas preparam-se com cuidado e diligência como se devessem viver outra vida e não a presente; e dessa maneira o tempo esquecido passa. O viver semelha-se a uma vigília efêmera, a duração da vida a um dia, por assim dizer, em que apenas vista a luz, passamos a ordem aos outros que sobrevêm.

Antifonte de Atenas [4]

– Esta chamada sombria serve para os poetas?

O Grande Relógio de parede caiu escada abaixo
A escada tinha dezesseis degraus
Uma vez recolhidos os cacos do Relógio
Percebeu-se o desaparecimento de seus dois ponteiros
Alguém pensou a eternidade morreu.

Houve um tempo em que a vida dos homens era desordenada, cruel e escrava da força, quando nenhum prêmio havia para os bons, nem nenhum castigo para os maus. E parece-me

que, mais tarde, os homens tenham estabelecido as leis punitivas, para que a justiça reinasse soberana sobre todos igualmente, e tivesse como sua servidora a força; e castigava a quem pecasse. E como depois as leis impediam que cometessem abertamente atos violentos, eles os faziam ocultamente; parece-me, então, que um homem prudente e de espírito sábio inventou, para os homens, o temor aos deuses, para que os malvados temessem até no fazer, dizer ou pensar ocultamente. E (com isso) acabou com as violações às leis. (fr. 25)

Crítias de Atenas [5]

– Que modo cruel de castrar a mente do homem. A violação das leis continua. Por qual motivo?

Estetoscópio

Instrumento médico usado na escuta das

vibrações internas do organismo

Será que os médicos escutam vibrações da alma?

As almas tem vibrações?

Pior elas existem?

Se a alma existe

Eu sou portador de uma

Vou procurar um estetoscópio

E com a ajuda de Sócrates

Ouvir minhas vibrações

Ruídos

Rumores

E cantar

O meu lazer, não o destino a essas explicações [sobre o mito] e eis aí a razão da minha atitude: ainda não cheguei a ser capaz como recomenda a inscrição délfica [Conhece-te a ti mesmo] de conhecer a mim próprio. [...] Eu desejo aprender.

*Regiões e árvores, entretanto, nada me podem ensinar;
somente os homens da cidade ensinam-me.*

– Neste diálogo, a fala de Sócrates é expressa por Platão [6].

Eu tenho
O que é que eu tenho?
Eu tenho o que eu não tenho
Eu tenho essas pernas
Essas mãos
Esses braços
Eu tenho uma esperança
Caminhar sempre na direção de meus passos

Eu tenho uma ilusão
É o de compreender o mundo
E saber que ninguém o compreende
Tal qual eu uma vez supus que o soubesse

Eu tenho um grande sonho
(Minha mãe regava todos os dias
a plantinha verde no peitoril da janela
e eu percebia que o olhar dela não morava ali)
Eu tenho um grande sonho
Tal qual numa imagem secreta
Ser a plantinha verde que minha mãe regava no peitoril da janela
Coisas de poeta

*A alma que nunca contemplou a verdade não pode tomar
a forma humana. A causa disso é a seguinte: é que a
inteligência do homem deve se exercer segundo aquilo que
se chama Ideia; isto é, elevar-se da multiplicidade das*

sensações à unidade racional. Ora, esta faculdade não é mais que a recordação das Verdades Eternas que a nossa alma contemplou quando acompanhou a alma divina nas suas evoluções. Por isso convém que somente o espírito do filósofo tenha asas; nele a memória, conforme sua aptidão, permanece sempre fixada nesses objetos, o que o torna semelhante a um deus.

Platão, in *Fedro*

– Platão concebia o conhecimento humano como fruto de recordação. Acreditava que a alma é eterna e o corpo sua morada passageira. Enquanto presa ao corpo, deveríamos tratá-la com muito desvelo, como se faz a um hóspede amigo, que ela nos revelaria o que contemplou no Céu das Ideias. Não é possível seguir essa concepção de Platão, a não ser que acreditemos em culto religioso secreto, como o fazem certas correntes religiosas. Mas vejamos o seguinte: se colocarmos no lugar do filósofo o poeta, aquele cuja aptidão é ter asas, voar, que é difícil saber como ela é, colocar-se em vigília permanente na procura prática das coisas belas da vida, assim, atualizaríamos Platão, e faríamos dele nosso vizinho amigo atual. Se invertermos a contemplação da Ideia Mítica para uma leitura do olhar das belas formas de arte, a sensibilização do ouvido para as harmonias bachianas, a disposição vital para decifrar, por meio da ciência, as pragas que infestam a natureza sem gerar seu desequilíbrio, aprender a ler o discurso do poeta, ensinar o olhar a distinguir a harmonia das cores, eis aí Platão trazido do Céu das Ideias para o chão do mundo.

Sobre a mesa um grande dicionário aberto
(Um dicionário deve estar sempre aberto)
Milhares de palavras à espera de um libertador
Somos operários de palavras
Servos sombrios sem mais valia.

Os deuses viajam sobre os ombros das palavras
Sísifo foi castigado ao negar a palavra dos deuses
Ele havia encontrado o segredo do fogo
E teve que carregar a pedra para o horizonte improvável

Sabes que “poesia” é algo de múltiplo; pois toda causa de qualquer coisa passar do não-ser ao ser é “poesia”, de modo que as confecções de todas as artes são “poesias”, e todos os seus artesãos poetas.

Platão, in *O Banquete*

O vaso
O vaso segura a flor
Cabe ao vaso sustentar a flor
Existem vasos para muitas serventias
Aquele que sustenta as nádegas da rainha da Inglaterra é o real
E que não se pronuncia por discrição
O vaso mesmo é o que sustenta a flor
A flor!
Nada além do vaso da flor
Foi sempre assim
Anunciar o vaso da flor
Sobre os esgotos da cidade os jardins
celebram suas orgias coloridas

Se alguma vez quisermos conhecer os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele [o corpo, as paixões] e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só então é que, segundo me parece, nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos sedentos: a sabedoria. [...] Com efeito, é lícito admitir que não seja permitido apossar-se do que é puro, quando não se é puro.

Platão, in *Fédon*

– Platão, segundo se deduz, baseado na crença da imortalidade da alma, propõe distingui-la do corpo, casa provisória da alma, mas também das paixões e vícios. Para apossar-se das verdades reveladas pela alma, cabe ao inquilino da alma libertar-se dos vícios inerentes ao próprio corpo. Ao “atualizar” Platão, devemos renovar o nosso olhar libertando-o dos nossos preconceitos, crenças, fábulas. Todo diálogo socrático, o mestre de Platão, visava contestar as antigas tradições e lendas sobre os deuses e investigar, sem preconceitos, a natureza das coisas. Repito, sobre os esgotos da cidade os jardins celebram suas orgias coloridas.

O tempo existe
Não é possível negar o tempo
Ele é real no corpo nas pedras de Espanha
Labirintos em movimento nas sendas de Santiago
O tempo não tem rosto nem desgosto
Ele não tem emoções
É o ser em si da filosofia
O ribeiro que vai em direção do mar
Sobre ele desliza a garrafa vazia
O ribeiro de cansaço nada sabe sobre a garrafa
Que vai chegar ao mar
E o mar continuará sendo tal qual foi sendo
A garrafa serão os fragmentos de vidro no fundo do mar
O ribeiro não tem a terceira margem
Se tivesse não haveria a necessidade do relógio
O relógio é uma convenção sobre o tempo
O ser absoluto nossa prisão entre paredes de vidro
Nela a solidão absoluta
O vazio absoluto
O tempo
O tempo
Passou!

[...] ele foi e não é mais, por outro, ele será e não é ainda; eis de que se compõe o tempo infinito e o tempo indefinidamente periódico.

Aristóteles, in *Física*

